

# BLUMENAU EM CADERNOS

TAXA PAGADA  
AUTORIZAÇÃO Nº. 48  
ECT DR S.C.



**TOMO XVI**

**Maio de 1975**

**Nº. 5**

## CANTO DOS COOPERADORES

**Esta publicação pode sobreviver  
graças à generosa contribuição dos  
seguintes cooperadores**

Cremer S/A. - Produtos Têxteis e Cirúrgicos - Blumenau  
Centrais Elétricas de Santa Catarina S/A. - Blumenau  
Tabacos Blumenau S/A. - Blumenau  
Indústria Têxtil Companhia Hering - Blumenau  
Artex S/A. - Blumenau  
Cia. Comercial Schrader S/A. - Blumenau  
Companhia de Cigarros Souza Cruz - Blumenau  
Artur Fouquet - Blumenau  
Georg Traeger - Blumenau  
Electro Aço Altona S/A. - Blumenau  
Distribuidora Catarinense de Tecidos S/A. - Blumenau  
Fundação Teófilo Zadrozny - Blumenau  
Transportadora Vale do Itajaí Ltda. - Blumenau  
Felix Hauer - Curitiba  
Conrado Hildefonso Sauer - Rio de Janeiro  
Fritz Kuehnrich - Blumenau  
Armen Mamigonian - Presidente Prudente S. P.  
Companhia Industrial Schlösser S/A. - Brusque  
Tecelagem Kuehnrich S/A. - Blumenau  
Malharia Blumenau S/A. - Blumenau  
Gráfica 43 S/A. - Ind. e Com. - Blumenau  
Consulado Alemão - Blumenau  
Dr. Jucy Varela - Caçador

# Blumenau

## em Cadernos

TOMO XVI

MAIO DE 1975

Nº. 5

## O Sertanejo e o Problema do Fogo

C. GAERTNER

O homem primevo escondeu-se no fundo da caverna para fugir às manifestações tonitruantes dos relâmpagos. Viu montanhas vulcânicas rugirem raivosas, expelindo fumo, cinzas, fogo e lavas. Assistiu, assustado e reverente, uma árvore seca ser devorada pelo fogo vindo do céu, e viu também seu companheiro cair fulminado. O deus castigava, queimava, matava, devorava florestas e campinas. Mas logo descobriu que, reverenciado, iluminava, aquecia, espantava as feras e dava melhor sabor aos alimentos. Passou a propiciá-lo com frutos vegetais, carnes e gorduras, principalmente gorduras que eram avidamente devoradas pelo deus. Mais tarde adorou outros deuses, mas, no altar dos sacrifícios, o Fogo continuava a ter a sua voracidade alimentada, mesmo após se ter transformado em simples mensageiro encarregado de levar aos deuses o odor dos sacrifícios. Não está completamente extinta a sua divindade, pois ainda acendemos uma vela de sebo, que substitui o carneiro, em nossos altares cristãos.

Mas o nosso sertanejo do planalto catarinense, mesmo o do começo do século, já tinha desmitizado o fogo, e usava fósforos, cuja fabricação comercial remonta a 1832. Nas primeiras décadas, um maço com dez caixas de fósforos da velha marca "Pinheiro", fabricados em Curitiba por Francisco Hurlimann, custava quinhentos réis, isto é, cinco centésimos de um centavo atual!

A distância das vilas e cidades e das pequenas vendas estabelecidas nos poucos arraiais e nas encruzilhadas dos raros picadões, que eram os centros sociais, econômicos e religiosos de então, fazia com que se utilizasse mais comumente o isqueiro ou avio-de-fogo. Constava de um cordão amarelo nitrado, denominado isca, adquirível nas vendas e armazéns. Na falta da isca amarela, usavam panos velhos semicar-

bonizados, ou então a orelha-de-pau ou urupê (*boletus igniarius*) bem seco e bem malhado. Essas substâncias eram colocadas na cavidade de uma ponta de chifre, numa pequena cabaça, numa cápsula deflagrada de espingarda, ou mesmo num entrenó de taquara, munindo o receptáculo com uma pequena tampa, geralmente de casca de porongo. Obtém-se o fogo ferindo o sílex, pederneira ou pedra-de-fogo, com o fuzil próprio, adquirível no comércio, ou com qualquer pedaço de lima velha, recolhendo as centelhas sobre a isca.

Acender o fogo na lareira era sempre um processo demorado.

A lareira era o chão batido da cozinha, dependência construída separada da casa, ou o chão batido do rancho de uma única peça que servia para todos os fins habitacionais.

A cada lado do fogo colocavam algumas pedras de formas regulares como suporte para o caldeirão. Era bastante espalhado o uso de uma armação feita com lâminas estreitas de ferro, denominada trempe, muito embora tivesse quatro pés. Uma corrente ou madeira dentada para torná-la distensível, pendurada de algum vigote acima do fogo, munida de um gancho de ferro, servia para pendurar a panela do feijão ou da canjica.

Ora, todos os dias era preciso acender o fogo para aquecer a água do chimarrão (o planaltino não usava o tererê), ou fervê-la para o café, bem como para preparar o alimento.

O sertanejo tinha de proceder como os antigos adoradores do fogo, mantendo a sua perenidade, e a mulher fazia as vezes da sacerdotiza do lar.

Todas as habitações, como medida de precaução, mantinham um tronco de combustão lenta, geralmente o guamirim, denominado guarda-fogo. À noite, bastava cobrir com cinzas a extremidade esbraseada para que o lume permanecesse até a manhã seguinte. Removiam as cinzas, juntavam palhas, samas ou gravetos, assopravam e a labareda renascia para o seu trabalho útil.

Quando acontecia de, por uma razão ou outra, extinguir-se o fogo, era muitas vezes necessário ir "pedir fogo emprestado" ao vizinho, de onde vinham algumas bonitas brasas envoltas em cinzas. Para evitar que se extinguissem ou consumissem antes de utilizadas, o portador deveria regressar célere, pois que "vizinho" era aquele que residia a alguns quilômetros. Em razão dessa pressa obrigatória, quando a visita é muito curta e visitante se demora pouco, é geralmente interpelado: "Que pressa! Veio buscar fogo?"

Ainda se cultua inconscientemente o fogo. A fogueira faz parte integrante das festas juninas de Santo Antônio, de São João e de São Pedro. Depois das orações, os crentes caminham incólumes, com os pés nus, sobre o estendal das brasas da fogueira.

Recolhem, também, um tição das fogueiras juninas para benzerem com ele as tempestades e as tormentas. Fazem com o tição cruzeiros no ar, voltados para o quadrante tempestuoso, recitando o Credo.

A água lustral dos antigos romanos, antepassada em linha reta da nossa água-benta, era obtida apagando em água comum uma acha ardente retirada do altar dos sacrifícios.

Outra inconsciente forma devocional é o benzimento para a cura de impigens ou dardros. Pela manhã, em jejum, tomam na palma da mão esquerda um pouco de cinza do lar, misturam-lhe saliva e, com a extremidade do indicador da mão direita, fazem com essa pasta três cruzeiros na região doente, recitando de cada vez: — “Impigem, rabugem / Te some daqui, / Que a cinza do fogo / Já vai contra ti, / Tão certo e verdade / Como eu não comi / Nem hoje bebi, / Impigem, rabugem / Te some daqui.”

A nossa mais velha conquista — o fogo — ainda causou muitos embaraços aos sertanejos de outrora.

## A “modernização” e as elites emergentes: a contribuição alemã

WALTER F. PIAZZA

(*Continuação do número anterior*)

### III - As elites emergentes

Ao estudar as elites emergentes do Estado de Santa Catarina, assim definindo aqueles imigrantes que, pelo seu trabalho, ascenderam social, econômica e politicamente no contexto da vida brasileira, poder-se-á desenvolver uma nova contribuição ao estudo do Brasil atual.

Estas elites estão, hoje, disseminadas em todos os Estados Brasileiros, ora em maior, ora em menor número.

Este nosso Estudo Preliminar poderia enfocar nomes como Josef Zipperer Sobrinho, natural da paróquia de Retenbaum, Tchecoslováquia (1), chegado ao Brasil com 26 anos, iniciador do complexo industrial catarinense «Cimo».

Ou, então, nomes como Ermembergo Pellizzetti, Benjamin Gallotti (sênior), Giovanni Rossi, Tullio Cavallazzi, Giuseppe Caruso Macdonald, ou Ernesto F. Bertaso, para só citar alguns dos que se dedicaram ao progresso social e econômico, nas áreas de Colonização italiana em Santa Catarina (2).

Poder-se-ia, ainda, fazer outras enumerações — a contribuição belga, francesa, norte-americana, inglesa, lusitana, etc., — entretanto, o nosso desiderato, aqui, é ressaltar a contribuição do elemento germânico.

Para cumprir, pois, o nosso fim, estabeleceu-se um critério de redigir pequenos esboços biográficos de iniciadores de estruturas econômicas, onde se ressaltassem vários aspectos de sua vida, notadamente as origens familiares, a tendência ou o aprimoramento na técnica artesanal ou nas relações econômico-financeiras, as relações com a economia do país de origem, o grau de instrução, a vivência com o comércio internacional, enfim, a origem do capital, com o qual dinamizou a atividade empresarial.

Não se utilizou um critério seletivo, mas, tomou-se ao acaso a escolha dos biografados, utilizando-se, na medida do possível, de notas em albuns comemorativos ou dados contidos em notícias de periódicos, além de pesquisa direta, em fontes primárias. Por outro lado, fixou-se a escolha naqueles que participaram da imigração antes de 1900, quando, então, entrariam, no processo analítico, outros componentes.

Analizou-se, pois, estes exemplos, que bem caracterizam o que de mais expressivo houve no processo da «modernização», em Santa Catarina:

HEINRICH HOSANG (1828—1888)  
LUIZ SACHTLEBEN (1835—1895)  
HERMANN HERING (1835—1915)  
JOHANN KARSTEN (1839—1918)  
CARL HOEPCKE (1844—1924)  
EDUARDO VON BUETTNER (1845—1902)  
CARL GOTTLIEB DOHLER (1845—1926)  
JOÃO BAUER (1849—1931)  
GOTTLIEB REIF—(1852—1927)  
MARCOS KONDER—(Sênior) (1854—1898)  
PEDRO CHRISTIANO FEDDERSEN (1857—1947)  
GUSTAVO SCHLÖSSER (1860—1935)  
GOTHARD KAESEMODEL SÊNIOR (1861—1937)  
ERNST ECKARDT (1861—1924)  
CARLOS RENAUX (1862—1945)  
JOÃO BAYER (Sênior) (1870—1936)

Estes «estudos de caso», na acepção sociológica da análise individual, nos conduziram às conclusões, adiante alinhadas.

Vejamos, pois, caso por caso:

#### 1. HEINRICH HOSANG

Nascido em Brunswick, Alemanha, em 1828.

Em 1858, contando trinta anos, veio juntar-se aos que constituíam à margem do ribeirão Garcia a incipiente e novel colônia «Blumenau».

Era «homem ativo e empreendedor, não limitou suas ocupações do amanho da terra. Pensou logo na criação de uma indústria de cervejas, de que trouxera prática do velho mundo» (3).

Em 1860 iniciou Hosang, num lote de terras de 150 geiras e que lhe custara 450\$000 rs., a sua indústria.

O que representaria essa indústria na colônia recém-implantada?

Em 1860 existiam na colônia 547 famílias, com 450 homens e 447 mulheres, e em 1861 são 531 famílias, com 548 homens e 710 mulheres,

Esta população, no tocante à especialização profissional era composta, em 1860 a 1861, respectivamente: marceneiros 6 e 9, carpinteiros 6 e 9, carpinteiros de carros ou segeiros 2 e 2, carpinteiros de canoas 1 e 1, construtores de engenhos 2 e 2, torneiros 2 e 3, tanoeiros 2 e 3, pedreiros 3 e 7, telheiros 1 e 2, açougueiros 2 e 3, alfaiates 2 e 3, sapateiros 4 e 5, seleiros 2 e 3, funileiro 1 e 1, ferreiros 3 e 3, mecânicos e serra-

lheiros 1 e 1, caldeireiro 1 e 1, e relojoeiro, sómente, em 1861, 1.

Mas se comparar-se a evolução dos processos de industrialização poder-se-á obter uma melhor visão do conjunto, especialmente nos anos de 1860, 1861 e 1862, 1863 cuja síntese é a seguinte:

Tipos de estabelecimentos	1860	1861	1862	1863
Olarias de telhas e tijolos	3	3	3	3
Olarias de louças de barro	1	1	2	2
Fábrica de vinagre	1	1	1	2
Fábrica de cerveja	1	2	3	3
Fábrica de charutos	1	2	4	6
Padaria	1	1	2	2
Engenhos de serrar	2	3	3	4
Moinhos	2	2	3	4
Engenhos de açúcar	47	51	55	55
Idem com prensa de ferro	—	—	3	3
Alambiques	47	51	59	59
Engenhos de farinha de mandioca	33	47	52	53

Como se vê há uma evolução acentuada nas fábricas de cerveja e nas fábricas de charutos, indicativos, pois, do consumo e aceitação da cerveja local e, também, do fumo produzido na região, que se apresenta, sempre, daí para o futuro, de boa qualidade, inclusive para exportação em fôlha.

Da mesma forma se acentua o aparecimento de mão-de-obra especializada.

É o que se denota deste quadro comparativo:

Especializações	1861	1862	1863
Marceneiros	9	13	14
Carpinteiros	9	14	17
Segeiros	2	3	4
Construtores de canoas	1	1	1
Construtores de engenhos	2	2	2
Torneiros	3	3	3
Tanoeiros	3	5	6
Pedreiros	7	12	12
Cavouqueiros	—	2	2
Carniceiros	1	1	1
Alfaiates	3	6	6
Sapateiros	5	6	8
Seleiros	3	5	5
Funileiros	1	1	1
Ferreiros	3	5	8
Mecânicos	1	1	3
Armeiro	1	1	1
Relojoeiro	1	1	1
Caldeireiro	1	1	1

E, para se ter em mente o desenvolvimento tido pela cervejaria Hosang basta dizer que, em 1880, somente a Sociedade de Atiradores consumiu, dessa indústria, 7.722 garrafas, afora as de outras marcas, também produzidas naquela comunidade.

Heinrich Hosang esteve à frente da sua indústria até 1888, quando faleceu, aos 60 anos, tendo deixado filhos: Elisa, casada com Alvin Schrader, Oto, casado com Clara Odebrecht, Clara, casada com o Conde Von Westarp, Francisco, casado com Ana Maschke, e Helena, casada com Hermann Schossland.

Após a morte de Heinrich Hosang a fábrica de cerveja continuou sob a direção de sua viúva, e de seu filho Oto, e a partir de 1898 outro filho, Francisco, associado ao cunhado Hermann Schossland, passou a gerir a cervejaria, sob a razão social Schossland & Hosang, até que, em 1906, Francisco Hosang assumiu, sozinho, a responsabilidade social, o que ocorreu até 1923, quando, por motivo de doença, vendeu a maquinária e demais pertences à firma Bock, de Nova Breslau, (hoje Presidente Getúlio, S. C.), encerrando-se, assim, o ciclo da cerveja «Victoria».

Como fruto de aprendizado, na cervejaria de Heinrich Hosang, Otto Jennrich instalou a sua própria cervejaria, que fabricava os tipos «Estrela», «Polar» e «Kulnbach», preta, em meia garrafa, e que custava Rs. \$400 a garrafa. Esta cervejaria passou, mais tarde, à «Cervejaria Blumenauense», de Schmalz & Thiede, depois incorporada à «Antártica Paulista».

## 2. LUIZ SACHTLEBEN

Nasceu, a 24 de janeiro de 1835, em Guedlinburg, Brunswick, Alemanha, filho de August Gottfried Sachtleben e de D. Dorothea Saalfeld.

Frequentou ótimas escolas, o que lhe deu embasamento humanístico, e dedicou-se aos esportes, principalmente aqueles de inverno.

Fez um curso de jardinagem na firma Dippe Irmãos, de Erfurt, e abraçou a profissão de jardineiro, e, com esta bagagem técnica emigrou para o Brasil, chegando a Blumenau a 18 de agosto de 1852.

Empregou-se na fazenda do Cel. José Henrique Flores, no Poquinho, no baixo vale do Itajaí, onde aprendeu a falar o português.

Com o auxílio daquele latifundiário Luiz Sachtleben fundou, juntamente com Otto Stutzer, uma serraria, naquela região do vale do Itajaí, que, recém-inaugurada foi completamente destruída por um incêndio. Com este fato abandonou aquela localidade e dirigiu-se à sede da colônia «Blumenau», que, à época, na palavra do seu diretor, Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau, tinha a sua atividade industrial manufatureira assim descrita:

«A cultura do fumo promete na Colônia agora bem fundadas esperanças de grande sucesso—os dois homens que mencionei no último relatório, com o dedicarem-se a êsse trabalho e ao fabrico de charutos, colherão folhas bastantes para 45 até 50 mil charutos e estão neste momento ocupados com o fabrico dos mesmos. Principiavam, porém, muito tarde o preparo das terras e contam que no presente ano (1853) hão de colher bastante folhas para 100 mil charutos pelo menos (4).

Em Blumenau arrendou Luiz Sachtleben uma serraria e fez construir outra, pois lhe dava prazer trabalhar com madeiras, e com isto, iniciou, também, exportações.

Assim, engrossa o número de habitantes da Colônia, cujo total, em 1853, orçava em 102 pessoas.

E, contribuindo para o progresso econômico da mesma situa-se dentro deste quadro:

«Existe um engenho de açúcar e de aguardente, um dito de farinha de mandioca e prepara-se outro de açúcar para a safra próxima futura. Para um moinho de milho mandei duas grandes pedras e as ferramentas necessárias de Hamburgo e espero que o mesmo seja montado em poucos meses, suprimindo uma grande necessidade da colônia. Igualmente já tem as ferramentas para engenhos de serrar madeiras, o qual será estabelecido no decurso do ano futuro e dará ocasião de ganho a muitos colonos. Fêz-se também uma porção de pedras de amolar as quais alcançarão bons preços e os respectivos canteiros estão continuando nesta indústria. Fabricam-se vinagre e diversos licores em ponto pequeno e fizeram-se ensaios de fabricar cerveja de açúcar, cujo resultado é bastante animador: o produto pôsto que ainda imperfeito, acha pronta extração e fornece aos colonos uma bebida sã e refrigerante, porém não se conserva por muito tempo» (5).

Cabe, aqui, uma observação: ou a serraria de Luiz Sachtleben não estava dentro do quadro territorial da Colônia, ou o Diretor da mesma, por qualquer motivo, não a considerou.

Entretanto, nos anos posteriores, ocorre a referência às serrarias na Colônia. E, em 1856, a colônia possuindo 290 habitantes, apresentava este quadro de desenvolvimento técnico-industrial:

«Teve o aumento de dois engenhos de açúcar, existindo daqueles 5 com 3 alambiques, e dos de farinha também 5. Foi acabado o engenho de moer milho, movido por água e construído outro dito, movido por animais, foram construídos dois engenhos de serrar madeiras, levando, porém, as águas a um deles, por repetidas vezes o dique do tanque e ficando este, no atual momento, parado. Estabeleceu-se uma fábrica de vinagre, uma dita de cerveja e uma padaria». E, acrescenta: «Chegaram à colônia no ano passado (1855) alguns artífices que ainda lhe faltavam, como um mecânico-serralheiro, um caldeireiro, dois carpinteiros de carros e arados, e um seleiro, de maneira que, para completar o número de artífices e das oficinas mais necessárias a uma florescente povoação, só tem falta de um oleiro de louça e de um funileiro, visto que dois colonos, atualmente, estão ocupados em estabelecerem engenhos para espremer azeite e estes também pertencem à dita categoria. Comuniquei, pois, ao meu agente na Alemanha sôbre o engajamento, sobretudo do referido oleiro que se torna necessário para a crescente população deste rio».

Como se vê, o próprio Diretor da Colônia «Blumenau», tinha preocupação com o aliciamento de mão-de-obra especializada, para enfrentar a problemática do desenvolvimento local.

A 3 de outubro de 1857 Luiz Sachtleben consorcia-se com D. Emilia V. Hess-Haertel.

E, continuou a exportar madeiras e a construir casas na sede da Colônia. É, neste instante, que sente as deficiências comerciais da Colônia. Nos anos que se seguem vai observar melhor o fenômeno.

A Colônia, também, continua a desenvolver-se.

Em 1861 existiam 1258 pessoas e as profissões e atividades artesanais ou manufatureiras podem ser comparadas nos anos de 1860, 1861, 1862 e 1863:

FÁBRICAS	1860	1861	1862	1863
Olarias de telhas e tijolos	3	3	3	3
Idem de louça de barro	1	1	2	2
Fábrica de vinagre	1	1	1	2
Fábrica de cerveja	1	2	3	3
Idem de charutos	1	2	4	6
Engenhos de serrar	2	3	3	4
Moinhos	2	2	3	4
<hr/>				
"Estabelecimentos rurais"				
<hr/>				
Engenhos de açúcar, de madeira	47	51	55	55
Engenhos de açúcar, de ferro	—	—	3	3
Alambiques	47	51	59	59
Engenhos de farinha de mandioca	33	47	52	53
<hr/>				
Profissões				
<hr/>				
Marceneiros	6	9	13	14
Carpinteiros	6	9	14	17
Carpinteiros de carros	2	2	3	4
Idem de canoas	1	1	1	1
Construtores de engenhos	2	2	2	2
Torneiros	2	3	3	3
Tanoeiros	2	3	3	6
Pedreiros	3	7	12	12
Telheiros	1	2	—	—
Açougueiros	2	3	1	1
Alfaiates	2	3	6	6
Sapateiros	4	5	6	8
Seleiros	2	3	5	5
Funileiros	1	1	1	1
Ferreiros	3	3	5	8
Mecânicos e serralheiros	1	1	2	3
Caldeireiro	1	1	1	1
Relojoeiro	—	1	1	1
Cavouqueiros	—	—	2	2
Armeiro	—	—	1	1

Anote-se, no tocante aos chamados «estabelecimentos rurais» o aparecimento de engenhos de açúcar com cilindros de ferro, na moenda. É, pois, um avanço tecnológico digno de nota!

Vê-se, por outro lado, o aumento populacional incessante: 1861, 1.258 pessoas, 1862, 1484 habitantes, e em 1863, a população alcançava o número de 2.286 almas, e, lado a lado, se apresentava a diversificação e o aumento de profissionais especializados,

E neste crescendo a população atingiu 5.985 pessoas, em 1869, dos quais 4.951 protestantes, 1.033 católicos e 1 judeu.

Neste ano vai ter lugar o grande trabalho dinamizador de Luiz Sachtleben.

Funda, a 1º de janeiro de 1869, a Sociedade de Consumo da Colônia de Blumenau (Konsum-Verein Kolonie Blumenau), sociedade por ações, a dez mil réis cada uma. Quem não possuísse dinheiro suficiente, e bem assim os imigrantes, recém-chegados, podiam ingressar com a quantia de dois mil réis, pagando o restante em prestações, gozando, incontinenti, das regalias de sócio.

E, Luiz Sachtleben gerenciou a Sociedade, por dez anos, seu prazo de duração, e lhe coube, em vista da falta de dinheiro miúdo, emitir «vales» no total de 600\$000 rs., sendo 200\$000 em «vales» de 500 réis, 150\$000 em «vales» de 50 réis, e 50\$000 em «vales» de 40 réis, que tiveram ampla aceitação na Colônia. Por outro lado a Sociedade de Consumo não vendia artigos de luxo, excetuando o chocolate que era comercializado em tabletes, com 8x3 cm. de dimensão,, ao preço de 40 réis cada um.

Findo o prazo de duração da Sociedade Luiz Sachtleben, em 1879, estabeleceu-se por conta própria, na sede da Colônia, com negócio de fazendas, armarinhos, chapéus, etc., e mantendeu a firma exportadora, especialmente de madeira e fumo, além de outros produtos coloniais, que possuía filiais em Brusque, Indaial e Rio do Têsto (hoje Pomerode), onde possuía, também, uma fábrica de sabão.

Neste interim lança e concretiza uma outra idéia inovadora e dinamizadora da vida local: uma empresa de navegação fluvial.

A 20 de maio de 1878 fundou a «Companhia de Navegação Fluvial a Vapor Itajaí-Blumenau», com o capital de 30:000\$000 rs., dividido em ações de 100\$000 rs., cabendo a Luiz Sachtleben e pessoa de sua família o controle acionário da Companhia,

Assim, superintendeu a compra do vapor «Progresso», da «Sachsische Dampfschiffsbau-Anstalt», de Dresden, Alemanha, chegando a Blumenau, em fins de 1879.

E, ainda, como gerente da Companhia de Navegação Fluvial incorporou, posteriormente, à sua frota o vapor «Blumenau», em 1893, que efetuou sua primeira viagem a 14 de outubro de 1894, e diga-se que o «Blumenau» era «mais espaçoso e potente (que o «Progresso») e de maior capacidade de carga e passageiros, logo cognominado de o «Palheta», dadas as suas condições de velocidade» (7).

O «Progresso» fazia viagens de Blumenau a Itajaí, dia sim, dia não, transportando passageiros e cargas, rebocando, quase sempre, duas, três ou mais chatas, conduzindo gêneros da Colônia e sua vasta hinterlândia, para serem exportados.

Além destas atividades empresariais Luiz Sachtleben foi co-fun-

dador, com Augusto Mueller, da Sociedade de Cultura de Blumenau, do jornal «Blumenauer-Zeitung», e, mais tarde, juntamente com o Pastor Hermann Faulhaber, o «Der Christenbote».

Nas lides políticas foi adepto do Vinconde de Taunay, com quem manteve correspondência. Foi membro da Câmara Municipal de Blumenau, de 1883 a 1887, portanto, na sua primeira legislatura. Foi, ainda, substituto do Juiz Municipal e 1º suplente de Delegado de Polícia do Município de Blumenau.

Em 1893 foi a Europa comprar o vapor «Blumenau», e, em Hamburgo, pronto para retornar ao Brasil, adoeceu, e daí seguiu para Blakenburg. a. Harz, onde faleceu a 6 de junho de 1895.

### 3. HERMANN HERING

Hermann Friedrich Hering -- este o seu nome de batismo -- nasceu a 3 de fevereiro de 1835, em Hartha, na Saxônia.

Com 15 anos fêz-se aprendiz em pequena fábrica de artefatos de malha, na sua região natal. Durante trinta anos trabalhou naquela profissão, em sua pátria, passando pelos graus de oficial e proprietário-tecelão.

Tornou, deste modo, um dos sócios da firma «Gebrüder Hering», de Hartha, que, em consequência da crise resultante da bancarrota viennense de 1875, passou a sofrer sérias dificuldades e que, após a formação do Império Alemão, levou à falência grandes e pequenas empresas.

Em 1878, diante de situação tão crítica vendeu o que tinha, deixou a família (senhora e sete filhos) ao encargo de um irmão, Bruno, e embarcou para o Brasil, aportando em São Francisco, S.C. Era setembro de 1878, e, antes do fim do ano Hermann estava em Blumenau (8).

Aí chegando trabalhou, inicialmente, na escrita de firmas locais, depois fabricou cigarros e instalou um botequim. Mas, o seu ramo de negócio era outro...

Com algumas economias comprou um tear circular manual e um caixote de linhas, em Joinville. Era 1880 e, desta forma, ressuscitava, no Brasil, uma tradição familiar, pois, os Hering, desde 1675, trabalhavam no ofício de tecelão, na Alemanha.

E, com o esforço e a perseverança pode adquirir as condições para, novamente, reunir a sua família. Mandou, inicialmente, vir os dois filhos mais velhos e depois sua esposa, os outros filhos e o irmão Bruno.

Sobre o papel de Bruno Hering, nas atividades industriais e no desenvolvimento da comunidade, há este depoimento:

«Tomou a si parte ingente da construção da empresa à qual, assim, com meios reduzidos, mas próprios, progredia, lenta mas seguramente»:

«Graças à força hidráulica de que dispunha o terreno, recentemente adquirido no Bom Retiro, o empreendimento desenvolveu-se com maior rapidez e tio Bruno sentiu o espírito aliviado (o espírito apenas, não as mãos) para poder-se ocupar de outros assuntos e problemas ligados à agricultura». E, adiante, complementa:

«Esqueci-me de dizer que a idéia dos laticínios nascera da «Volksverein», da qual Onkel Bruno fôra um dos fundadores, assim, também, da Caixa Agrícola. Onkel era o mentor daquela sociedade, assim como da «Culturverein», igualmente» (9).

Ou, então, este outro valioso e insuspeito relato:

«O Tio Bruno manteve-se solteiro. Ele carregava o seu cavalo ou burro, com algumas dúzias de camisas e saia, vendendo-as de casa em casa, até Itajaí. Ao quanto sei, no começo todo trabalho na fábrica era manual», E, sobre a fábrica aduz:

«Era uma casinha baixa, com telhado pontudo, que ostentava a tabuleta da firma «Trikotwaren Fabrik Gebrüder Hering» (10).

A indústria incipiente progredia. De 1880 a 1893, no estabelecimento de Hermann e Bruno Hering, todo trabalho era, efetivamente manual e executado pelos filhos do primeiro. A família com o tear, máquina de costura, prensa, etc., entregou-se ao trabalho de produzir artefatos de malha, cuja aceitação obrigou-a a ampliar as instalações. Em 1893 possuíam três espuladeiras e cinco teares.

Nos primeiros cinco anos toda a sua produção era, inteiramente, comercializada em Santa Catarina.

Mas, o problema de crescimento da produção, ressaltou a necessidade de energia, e, por isto, encontrou-se nos arredores da «stadtplatz» de Blumenau, no vale do ribeirão Bom Retiro, a força hidráulica suficiente para mover uma roda d'água. Era 1893. E, só, mais tarde, em 1906, foi instalada uma pequena turbina, e, em seguida, um locomóvel. Em 1910 instalavam os Hering a sua primeira fiação, para tornar a indústria livre da importação de fios anexaram uma fiação, e isto sem qualquer tipo de empréstimo, o que deu nova perspectiva ao crescimento do seu parque industrial.

Desta forma, em 1914, possuía a indústria uma fiação com 2.600 fusos, 10 espuladeiras, 90 teares circulares e 100 máquinas de costura.

Tendo Bruno Hering falecido solteiro, os descendentes de Hermann, em 1929, organizaram uma sociedade anônima.

Hermann Hering faleceu a 26 de setembro de 1915 (11).

Em 1935, comemorando o centenário de Hermann Hering, foi instituída uma fundação, com seu nome, que se preocupa com o bem-estar do operariado, dando-lhe sustento na invalidez temporária ou permanente, abono de família, financiando o ambulatório, a creche e o refeitório da fábrica, e mantém-se com a renda do capital institucional e 3 % dos lucros líquidos da firma, e, além disso, a Cia. Hering concede aos seus empregados participação nos lucros da empresa.

Em 1970 a Cia. Hering consumia 337.190 Kwh.

Nesse ano o custo de sua produção, percentualmente, era distribuído em mão-de-obra 19,76 %, matéria prima 40,24 %, transporte . . . . 0,23 %, tributação 1,0%, administração 8,10 %, reparos de maquinária 4,40 %, e outras despesas 10,08 %.

Nesse mesmo ano o seu capital e reservas era da ordem de C\$ 21.148.000, o seu exigível o era de C\$ 15.710.000, o seu disponível realizável montava a C\$ 25.206,000, o imobilizado era de C\$ 11.217,000 e o lucro líquido era da ordem de C\$ 2.808,000.

Para um capital registrado de C\$ 18.994,000, a sua produção, em 1968, era de C\$ 25.000,000 e, em 1969, de C\$ 34.000,000, com um pessoal industrial de 2.595 pessoas, para um total de 3.131 empregados.

Em 1970, com 310 teares, principalmente circulares e automáticos, tinha a sua produção distribuída entre São Paulo (42 %), Guanabara (24 %) e Santa Catarina, como principais mercados.

No aludido ano estava implantando uma fábrica em Pernambuco e modernizando o seu parque fabril em Blumenau e Indaial (12).

E, hoje (1974), o parque industrial iniciado por HERMANN HERING apresenta-se com 6.000 empregados, produzindo 103 mil dúzias de artefatos (de diferentes estamparias), diariamente.

#### 4. JOHANN KARSTEN

Nasceu a 15 de setembro de 1839, em Schleswig-Holstein.

Emigrou para o Brasil em 1860, desembarcando no Rio de Janeiro, onde trabalhou durante um ano em plantações de café. Em 1861 mudou-se para Blumenau, estabelecendo-se em Testo-Salto.

Aproveitando-se de uma queda d'água, ali existente, construiu uma atafona e, em 1869, uma serraria. Para melhor aproveitar a queda d'água, juntamente com Heinrich Hadlich, juntando suas economias, deram início a uma tecelagem. Karsten encarregou-se da construção do prédio e Hadlich viajou para a Alemanha, em 1881, para adquirir as máquinas,

Hadlich, no Rio de Janeiro, encontrou-se com o técnico Gustav Roeder, a quem convidou para acompanhá-lo à Alemanha, e este, de lá retornou, onze meses depois com as máquinas adquiridas—eram 6 teares e uma pequena fiação com 300 fusos.

Deu-se, então, início à firma Roeder, Karsten & Hadlich, Em 1882 ela adquiriu 1875 quilos de algodão a 400 réis o quilo. Em 1883 entrou, na mesma, como mestre Johann Findeiss, que aconselhou a importação de fio para urdume. Este técnico trabalhou durante 50 anos na firma.

Em 1885 retirou-se da firma o sócio Roeder e o mesmo o fez em 1886 o sócio Hadlich, continuando, pois, Johann Karsten, que a dirigiu de 1894 a 1914, tendo em 1915 entregue-a aos seus filhos Christian e João, sendo sua razão social Karsten Irmãos.

Em 4 de abril de 1918 faleceu Johann Karsten, seguindo-se-lhe a 5 de setembro de 1920 sua esposa Margarethe Sievers, com quem se casara em 1861.

A fábrica foi movimentada pela roda d'água inicial até 1921, quando foi substituída por uma turbina hidráulica, a qual se acrescentou, quatro anos depois, uma segunda.

*(Continua no próximo número)*

# Aconteceu em Brusque ha 100 anos

1875

Ayres Gevaerd

Janeiro 2 — No documento nº 1 desse ano, firmado pelo diretor das Colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro, Dr. Luiz Betin Paes Leme, são prestadas contas com as obras de construção da Igreja Católica, Casa da Diretoria, escolas, etc. desde o mês de março do ano passado. Menciona contas das despesas com as estradas de rodagem para Itajaí e Tijucas. Essas estradas, tantas vezes reclamadas pelas administrações da Colônia, foram concluídas na administração Luiz Betin Paes Leme.

Fevereiro 10 — Recebe o diretor Dr. Luiz Betin Paes Leme telegrama comunicando a próxima chegada de 200 imigrantes Lombardos. Recomenda o Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas “preparar boa recepção e bom tratamento para que fiquem satisfeitos pois são colonos que merecem ser animados”.

NOTA: Iniciava-se, oficialmente, o povoamento das Colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro com colonos de origem italiana. Sucessivas e numerosas levadas chegaram desde então, nesse ano e subsequentes, causando sérias dificuldades às administrações coloniais.

Devido ao elevado número de colonos, os engenheiros e agrimensores não davam conta em medir e demarcar novos lotes nas diversas linhas, verificando-se então a permanência das famílias nos ranchos e casas que as agasalhavam, temporariamente, na sede. Motins, brigas e reclamações eram constantes. O estado sanitário era o pior possível e várias doenças se manifestaram de forma epidêmica, causando só num mês, a morte de aproximadamente 80 crianças.

Os colonos italianos foram instalados nas linhas coloniais de Porto Franco, Nova Trento (vale do rio Tijucas), Nova Itália e Limeira. Com as dificuldades de instalação, falta de serviços públicos em caminhos estradas e impossibilidade de melhores terras, muitas famílias procuraram outras regiões, mais promissoras, notadamente Blumenau, Luiz Alves, etc.

No mapa estatístico, correspondente ao ano de 1876, havia na região, compreendida entre o rio Itajaí-Mirim e o vale do rio Tijucas, 2.214 Tirolezes e 2.018 italianos.

Abril 8 — Termina, oficialmente, a construção da estrada Brusque-Itajaí, segundo documento firmado por Luiz Betin Paes, diretor da Colônia Itajaí-Brusque.

Abril 22 — Solicita o diretor Paes Leme a remessa dos prêmios conferidos aos colonos Carlos Mathes e João Horst, os quais não foram incluídos com os demais expositores da 3ª Exposição Nacional, residentes nesta Colônia. Pede também o prêmio conquistado por Daniel Klabunde na Exposição Internacional de Viena — Austria: Aguardente e fumo em folha.

Junho 8 — O diretor Paes Leme recebe autorização para aplicar 3:000\$000 na construção de uma casa a Sociedade Agrícola e suas exposições.

Outubro 4 — Brusque recebe, por ocasião da 4ª Exposição de produtos agrícolas e manufaturados, a visita do presidente da Província João Capistrano Bandeira de Mello.

Relação dos premiados na 4ª Exposição da Sociedade Agrícola:  
Primeiro prêmio, medalha de prata: Augusto Hoefelmann (aguardente), José Henrique Flôres (Farinha de mandioca), Belmiro Amorim Servo (açúcar), Nicolau Fischer (açúcar), Pedro Heil (fumo em folhas), Domingos José Peixoto (arroz), Cristiano Staak (arroz), Cristiano Westphal (feijão), Detlef Horst (araruta), Augusto Heirich (sabão), Henrique Schetfer (gado).

Segundo prêmio, medalha de bronze: Pedro Rieg (fumo em folhas), Guilherme Krieger (idem), Pedro Reitz (charutos), Henning Jönck (farinha de arroz), Augusto Höfermann (feijão), Detlef Todt (batata), João M. Kohler (araruta), Francisco Hörner (farinha de mandioca), Daniel Klabunde (açúcar), Francisco da Cunha (aguardente), Pedro Heil (idem), Henrique Sandrescky (feno), H. Busch (óleos etêricos), Margarida Jönck (lã e meias), Carlos Beyerstedt (cerveja), Henrique Schefer (idem), Guilherme Theis (idem), Guilherme Wandrey (cavalos), Vicente Quintino Pereira (gado).

Terceiro prêmio, Mensão Honrosa: Pedro Mathiesen e Jacob Krieger (charutos), João Dressel (Cevada), Daniel Klabunde (aguardente), Germano A. Thieme (alcool), Cândido E. Correia (farinha de mandioca), João Antonio Cunha (idem), Guilherme Wandrey (açúcar), Cristiano Westphal (farinha de arroz), Henning Jönck (farinha de milho), Francisco Hömer (fumo em folhas), Claus Niebhur (taiá), Carlos Neufeldt (trevo), Germano Thieme (cavalo), Frederico Göhler (idem), Ernesto Ulber (trabalho de ferreiro), Frederico Erthal (idem), Frederico Raguse (trabalho de marceneiro), Augusto Janz (idem), Carlos Erbs (gamela), W. Berg e A. Bruns (modelo de ponte), Fernando Jönck (tijolos e telhas), Antonio Day (bandeija), Eduardo Schroeder (pintura), Francisco Geithner (trabalhos de vidreiros), Virginia Monteiro trabalhos femeninos, Claudina de Almeida e Mafra (idem), Ernestina Schirmer, Margarida Kühn, Luiza Borrowsky, Augusta von Knorring e Ana Schwarzer (trabalhos femeninos).

Outubro 28 — Atendendo solicitação do presidente da Província, com relação à possibilidade da cultura de oliveiras, Paes Leme informa que somente depois de 3 meses começam a brotar.

— Paes Leme comunica ao Governo Provincial que existem ainda nas Colônias 92 colonos franceses. O êsodo desses colonos se processa lentamente para lugares ignorados. Em outros documentos o diretor declara que são os piores colonos que aqui chegaram. Em geral são comunistas, homens que pelo seu comportamento foram expulsos de seu país.

Novembro 24 — O engenheiro Sarmat du Lauraux Bousquet assume suas funções nas Colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro.

Dezembro 1 — Transmite Dr. Luiz Betin Paes Leme a direção das Colônias ao seu substituto legal, Maximiliano von Borrowsky, entrando em licença por 3 meses.

Dezembro 18 — O Diretor Interino Borrowsky em telegrama dirigido ao Governo Provincial solicita suspender a entrada de novos imigrantes em vista de se encontrarem mais de 600 ocupando ranchos e casas disponíveis e aguardando medição e demarcação de lotes colonias. Comunica ainda que cerca de 420 colonos italianos se encontram em Itajaí aguardando condução para estas Colônias.

Dezembro 22 — Criada a Agência postal em Brusque.

Dezembro — População das Colônias em 31 de dezembro: 4.568, sendo 2.613 homens e 1.955 mulheres.

# Geoecologia Atmosférica

A. SEIXAS NETTO

(Continuação do número anterior)

## Capítulo Setimo: CHUVAS E GRANIZOS

A Nuvem, em si mesmo, como corpo definido e especial, não existe. Contrariamente do que possam pensar, a Nuvem não é um tipo de fumaça na Atmosfera, É simples e unicamente Vapor d'Água,  $5(H_2O)$ -molécula, extraído á umidade do Ar por processos de sublimação e condensação que formam diminutas gotas de água ou cristais de gelo, conforme a altitude e o meio térmico existentes, Essas pequenas gotas vão crescendo por *inclusão* de umas às outras, por processo cinético térmico que gera correntes dentro do próprio campo que é a Nuvem: É a condensação das particulas de vapor d'Água. É pelo processo de *coagulação*, que é a adesão das gotinhas de vapor entre si. O crescimento, forma as gotas pesadas que, por isto, tendem a precipitar-se na direção do solo pela gravidade. Mas nem todo o conjunto de gotinhas de vapor chega a cair no solo em forma de Chuva. Depende do tamanho do bloco de vapor, da Nuvem, Muitas gotinhas e gotas precipitam-se e evaporam-se novamente em camadas mais quentes, outras menores continuam flutuando na corrente do vento, outras são absolvidas nas camadas mais secas que atravessam.

De modo amplo, toda Nuvem é um bloco de vapor passível de precipitar-se em CHUVA. Não ocorre isto continuamente porque, para a adesão ou coagulação, é necessario e primordial que a massa de vapor seja compacta, para que a distancia entre as gotas de vapor permita um dos dois processos. Assim, a classificação das Nuvens seria melhor feita, conforme em verdade o fazemos em nossos trabalhos, como uma Classificação de Compaticidade do Vapor D'Água. (12)

O tempo médio para o processo de formação de gotas de chuva numa Nuvem qualquer é de 60 horas. (Pequenas Nuvens nascem e se desfazem, em chuvas que nem chegam a descer muitos metros, em alguns minutos, dentro dum campo térmico alto. É o que se pode observar no Céu: Pequenas Nuvens que crescem e logo se somem, desfazendo-se). O tempo máximo, todavia, em Nuvens muito compactas, o Cumulus-Nimbus, por exemplo, para a formação de chuvas ocorre em 8 horas. Mas há casos de alta compaticidade,—como temos observado muitos,— em que o ponto crítico é atingido em 3 horas, como em Nuvens do Tipo Cumulus-Mammatus.

A importância ecológica da chuva é multipla, como: Lava a Baixa Atmosfera, trazendo para o solo particulas diversas em suspensão no meio aéreo; umedece o solo, permitindo o processo de decomposição; aumenta a atividade dos micro-organismos do solo, permitindo seus processos químicos, tão úteis à fertilização e á Vida vegetal; lava as porosidades das fo-

lhas, dando livre curso aos processos CO<sub>2</sub>—Oxigenio,—(ar árvores podem fanar por afogamento dos vasos respiratórios); limpam as superfícies foliares, permitindo ampla atividade foto-síntese, ativando o clorofilismo; devolve, afinal, água evaporada dos oceanos, rios, mananciais.

Em linhas amplas, limpa o ar respirável por filtragem umida. Após a chuva, uma tenuíssima camada de partículas sólidas, que estava misturada ao Ar, repousa no solo ajudando o processo de umificação.

OS GRANIZOS são, por sua vez, meteoros sólidos. Só se forma o Granizo em Nuvens de desenvolvimento vertical, típicas Nuvens genéticas das Tormentas, pela elevação do Ar muito quente e muito umido dentro dum *campo* instável, com gradiente termico de  $-1,1^{\circ}/110$  metros. Pela condensação do vapor d'água a mais de 100 % de saturação, acima da isoterma de  $-22,5^{\circ}$ , inicia-se a sublimação e com ela a formação de cristais de gelo. Como, durante o processo de ascensão das correntes, dentro da Nuvem, se vai atenuando até atingir a calmaria, nesse momento cessa o equilíbrio dos cristais de gelo e os mesmos caem por gravidade, crescendo, todavia, o seu raio, durante a queda por dentro da Nuvem supersaturada de umidade. O efeito deste bombardeio de pedrisco de gelo é devastador no solo.

A formação de gelo ou granizo numa Nuvem de desenvolvimento vertical super-saturada de umidade é de, em media, 5 horas. Este geometeoro sólido certamente possuirá alguma utilidade no quadro ecologico da PNEUMOSFERA, mas não se identificou ainda precisamente qual. (13) A NEVE se inicia pelo processo de sublimação ou seja, mais claramente: O vapor d'água passa do estado gazeoso para o estado sólido sem passar pelo intervalo de condensação. O produto básico, no caso, da sublimação, é o cristal de gelo (Este cristal tem a forma típica hexagonal).

Se o cristal de gelo prossegue o crescimento, há o cristal de neve que cae, também, por gravidade. A GEADA: Quando a umidade do AR está muito reduzida, de modo que seu ponto de ORVALHO fica abaixo de  $0^{\circ}$ , o vapor de água existente,—em reduzida quantidade—, quando se resfria o solo ou outras superfícies como plantas, gramas, e por seu veiculo o vapor d'água, não ocorre a precipitação em forma líquida mas, sim, em cristais congelados. Este deposito de cristais de vapor d'água é a GEADA. Daí que, para haver geada, o Ar, na Baixa Atmosfera, tem que estar muito seco, sem vapor d'Água para saturação da Atmosfera; esta consequentemente, limpa de Nuvens,—pois que, no ar frio e seco, não há vapor d'água para formação de Nuvem; e o Ar deve estar parado, ou sem Vento. Havendo qualquer formação de Nuvem ou manifestação de Vento, não ocorre o meteoro, pois o vapor d'água está com índice capaz de umedecer a Atmosfera e gerar, por comportamento cinetico das moléculas, alguma diferença térmica. Por isto, a melhor defeza contra o geometeoro GEADA é cobrir a área com neblina artificial, que esquenta o solo, umedece o meio aéreo. Há outras diferentes maneiras uteis de combate que, em verdade, não cabe aqui dispor (14)

Capitulo Oitavo: ELETRICIDADE, RAIOS, RELAMPAGOS

A TROVOADA é um geometeoro secundário. Assim, procede dos disparos eletricos na Baixa Atmosfera. A superfície da Terra possui

uma carga elétrica negativa de, termo-medio, 560.000 columbios (15). O regime elétrico da Atmosfera, na PNEUMOSFERA, pode ser deduzido do quadro seguinte:

Altitude (metros)	Carga total (Columbios)	Resistencia (Ohmios)	Potencial (Volts)
0	0	0	0
50	290.000	2,9	4.000
1.000	350.000	35,0	47.000
3.000	430.000	81,0	118.000
6.000	481.000	125,0	170.000

Visto assim, a ATMOSFERA, até a altura útil á Vida, é um poderoso campo de manifestações elétricas. Quando o Ar que se eleva do solo é muito quente e umido, as correntes de ascensão podem alcançar até 36 metros por segundo; no caso, então, a eliminação de vapor d'água é enorme e a Nuvem formada assume proporções notáveis, de grande altitude; as gotinhas de água,—do vapor—, levadas pelas correntes verticais, ao atravessarem a isoterma de  $-23,5^{\circ}$  evaporam-se rapidamente ou aderem a cristais de gelo existentes aumentando, deste modo, o peso dos mesmos, num processo ascensional de «bola de neve». Ao se ir enfraquecendo a corrente ascensional e até alcançar o ponto de anulação ou de «retorno», começa a queda gravitacional dos grãos de gelo, e com eles se operam *separações* elétricas; os campos elétricos formados neste processo são tão poderosos que dão motivos a descargas elétricas que vemos como relâmpagos e cujo *ponto de circuito* explode e ouvimos como Trovoada. Isto é o que ocorre na Nuvem típica Cumulus-Nimbus, verdadeira máquina eletrostática, ou melhor, enorme conjunto de máquinas eletrostáticas. Mas há varios tipos de descargas elétricas na Baixa Atmosfera (16) Dentro da Atmosfera, pela ionização solar, pela eletrificação resultante do mecanismo cinético das partículas componentes, pela ascensão e queda do vapor d'água e de sua precipitação em Gelo ou Chuva, há sempre um processo elétrico. As Nuvens são vapor d'água; ali se desenvolve, pois, segundo o regime térmico, até a isoterma limite, positiva ou negativa, fricção que gera o que chamamos, particularmente, *efeito de escorva*; então, por isto, toda Nuvem tem carga elétrica negativa na parte inferior, na direção do solo, e carga positiva na parte superior, servindo o meio aéreo como isolador. Nas Nuvens Cumulus-Nimbus, principalmente, por ter mais elevado campo elétrico,—composto de multiplos campos elétricos positivos e negativos—, quando o gradiente de potencial alcança 11.500 voltios por centimetro quadrado, inicia o *processo de disparo*; as massas elétricas de sinal diferentes descarregam-se entre si, tentando equilibrar-se e neutralizar-se; este processo, dentro da Nuvem, é o Relampago e os *curto circuitos* das descargas os TROVÕES. Quando o processo se efetua entre a NUVEM e o SOLO é o Raio. (17) Todo o processo elétrico é de alta importancia para o equilibrio ecológico na PNEUMOSFERA e à VIDA na superficie, embora esteja esta sujeita aos danos pelo Raio, quando os disparos ocorrem por desequilibrio entre o Campo elétrico total da Nuvem e o Solo. Durante as descargas elétricas, ocorre ionização do Ar, ou seja resíduos de eletricidade líquida, quando decompõem as moléculas de água em seu caminho nos

seus dois gases componentes Oxigenio e Hidrogenio; deste modo, em profunda analise, pode dizer-se que as tormentas de Relampagos e Raios, libertam, da água latente no vapor que forma a Nuvem, gases para aumentar a Atmosfera em diminutas quantidades. O processo electrico dentro da Nuvem limpa-a de particulas pesadas em suspensão, que destrói; liberta Oxigenio e Hidrogenio; produz a ionização do ar,—(durante o processo electrico)—, e equilibra os excessos de electricidade negativa no solo, re-presentados pelas *cargas puntais* nos elementos altos e pontiagudos sobre o solo. Relampagos e Raios são geometeoros electricos, enquanto o Trovão é uma resultante do instante de curto-circuito; quando há mais de um curto circuito num dado instante, pode ouvir-se, precedendo o Trovão,—já então potente, porque multiplo—, uma especie de chiado ou de moenda. (18)

Donde: O Trovão é o som provocado pela expansão brusca do Ar pelo calor desprendido pelo Raio. A temperatura media dum canal de Raio é de 28.500°C. (Ver, do autor, o ensaio O RAIO, SUA ONDA PÍLOTO E SEU CANAL DE DISPARO). Noutro ensaio, de 1962, temos analisado o Campo electrico em relação ao Homem, com o título O HOMEM NO DIELETRICO DA PNEUMOSFERA.

#### NOTAS DE PÉ DE PÁGINA:

(12) — *Há varios tipos de Classificação de Nuvens em uso na Meteorologia. O Autor elaborou uma Classificação pelo volume de vapor d'água precipitável.*

(13) — *Um estudo demorado sobre o GRANIZO, consta em O REGIME DA ATMOSFERA, do Autor*

(14) — *A Geada é um geometeoro facilmente controlavel. O autor já efetuou varios trabalhos experimentais neste campo, com sucesso.*

(15) — *Um RAIO pode conter até 25.000 Amperes na linha de descarga.*

(16) — *Os dois tipos principais são: Disparos dentro da Nuvem e Disparos Nevem-Solo. Há um terceiro tipo de disparo de grande amplitude não muito comum, mas que ocorre entre grupos de Cumulos-Nimbus proximos:*

*É o disparo de Nuvem a Nuvem.*

(17) — *O Raio não cai. A onda piloto do raio é emitida do solo para a Nuvem. Por essa onda-piloto desce o disparo secundário Nevem-Solo, que, por ser luminoso dá a impressão optica de que desce da nuvem o Raio. A onda piloto é invisivel, pois, e a chamamos de raio-branco.*

*Por isto, para haver o disparo secundário, destruidor, é preciso haver o caminho aberto pelo Raio Branco, partindo dum centro de carga puntal. Dai o perigo das pontas, das partes elevadas.*

(18) — *Esses chiados ou efeitos de moendas podem ser comparados a uma cadeia de micro-trovões.*

(Continúa no próximo número)

---

BLUMENAU EM CADERNOS é composto e impresso nas Oficinas da  
Fundação "CASA DR. BLUMENAU"

---

# *Bibliografia em Língua Alemã Sobre Santa Catarina*

ALOMA SUTTER

## APRESENTAÇÃO

O presente trabalho é um singelo levantamento bibliográfico, que representa um esforço para colocar o leitor ao par do que está, em língua alemã, à disposição dos pesquisadores e estudiosos na Biblioteca Pública Municipal "Fritz Müller", de Blumenau, SC.

É de suma importância para a revisão histórica que tal se proceda em Santa Catarina, porquanto, como se verá no presente inventário, há depoimentos de pessoas que ajudaram a construir a grandeza social e econômica, nos seus amplos sentidos, desta parte do Brasil.

Foi, por esta razão que, dentro da programação da disciplina "Histórica de Santa Catarina", na Universidade Federal de Santa Catarina, se realizou o presente trabalho.

ALDINGER, Paulo, 1 — DAS ITAJAHI-TAL — (O Vale do Itajaí) — Deutsche Siedlung im Brasilianischen Urwald. Blumenau und Hansa. Hamburgo 23 páginas, 22x14 cm. H. O. Persiehl, Sem data (1909).

2 — DIE KOLONIE HANSA — (A Colonia Hansa) — Potsdam — Stiftungsverlag.

3 — DIE KOLONIESCHULE — (A Escola da Colonia) — In "Kalender für die Deutschen in Brasilien". São Leopoldo — Rotermund & Cia., 1915, pág. 116 e 117.

4 — DIE METHODE DER BÄUERLICHEN WALD-GEBIRGSKOLONISATION IN SÜD BRASILIEN — (Métodos de colonização da mata-virgem no sul do Brasil — In "Südamerikanische Rundschau", nº 6 e 7 de 1º de setembro e 1º de outubro de 1904.

5 — DR. LAURO MÜLLER — Der deutschbuertige Staatsmann Brasiliens. In "Kalender für die Deutschen in Brasilien" 1928, pág. 34. Reproduzido no "Der Urwaldsbote" de 1938 e em separata deste, sob o título "Dr. Lauro Müller, der deutschbuertige Staatsmann Brasiliens". Brasilianische

Schriften. Herangenen: Dr. K. H. Oberhacker, nº 1, Blumenau, 1938. 34 páginas.

6 — KIRCHEN UND SCHULBERICHT — (Relatórios da Igreja e Escola) — Über den Distrik Itajahy-Hercilio für das Jahr 1914. (Manuscrito de 10 páginas no Arquivo do Instituto Hans Staden — São Paulo).

7 — DEUTSCHE MITARBEIT IN BRASILIEN — (Colaboração do trabalho dos alemães no Brasil) — Editora Teodoro Locher, Curitiba, 1923 — 88 páginas — Trata do auxílio alemão ao desenvolvimento do BRASIL. O livro foi escrito em Hamonia (Ibirama).

8 — WIE DIE KAINGANGS DEN MAIS ERHIELTEN — (Como os Kaingangues conservavam o milho) — In "Heimat", Lesebuch. Rotermund & Cia. pag. 230 (Também publicado no "Kalender für die Deutschen in Brasilien", de Rotermund, 1915.

9 — ZUR GESCHICHTE DER KOLONISATION MIT DEUTSCHEN AM UNTEREN ITAJAHY — (Para o histórico da colonização dos alemães no Baixo-Itajaí) — Artigo in "Blumenauer Zeitung" Blumenau, nº 7, ano 41, 23 de janeiro de 1923.

10 — EINE DEUTSCHE FESTGABE ZUR ZENTENARFEIER — (Edição extra para os festejos do centenário) — Idem, idem, nº 24 de 23 de março de 1922, primeira página.

11 — DIE SERRA ALS HÖHENKURORT — (Uma estação de repouso nas montanhas) — Ibidem, nº 45, de 12 de junho de 1922, 1ª página.

12 — 7. SEPTEMBER 1822 — (7 de setembro de 1822) — Ibidem, nº 70 de 7 de setembro de 1922, 1ª página.

13 — DIE BEDEUTUNG DER KOLONIE HANSA IN DER GESCHICHTE DER DEUTSCHEN AUSWANDERUNG NACH BRASILIEN — (O significado da Colonia Hansa na história da emigração alemã para o Brasil) — Ibidem, nº 82 de 19 de outubro de 1922, 1ª página (interessantes informações sobre a proibição da emigração para o Brasil).

14 — UNTERSTÜTZTE EINWANDERUNG NACH BRASILIEN — (Imigração subvencionada para o Brasil) — Ibidem, nº 85 de 30 de outubro de 1922, 1ª página.

15 — 8. NOVEMBER 1922 — (Oito de Novembro de 1922) — (Poesia sobre o 25º aniversário de Hammonia) Ibidem, nº 87, de 6 de novembro de 1922, página 2.

ALVENSLEBEN, L. von 1 — DIE DEUTSCHE KOLONIE DONA FRANCISCA IN BRASILIEN, DER VORTHEILHAFTESTE PUNKT FÜR DEUTSCHE AUSWANDERER, EIN RATHGEBER UND WEGWEISER FÜR DEUTSCHE AUSWANDERER DAHIN UND NACH BRASILIEN ÜBERHAUPT. NACH ZAHLREICHEN PRIVATMITTHEILUNGEN UND OFFICIELLEN NACHRICHTEN DES HAMBURGER KOLONISATIONSVEREINS VON 1849. (A Colonia Alemã Dona Francisca no Brasil, o ponto mais vantajoso para emigrantes alemães. Um conselheiro e guia de emigrantes alemães para lá e para o Brasil em geral. Numerosas informações particulares e notícias oficiais da Sociedade Hamburguesa de Colonização de 1849). Leipzig, Alemanha, 1854.

AMMON, Wolfgang 1 — KLEIN-DEUTSCHLAND IN SÜDBRASILIEN — (A pequena Alemanha no Sul do Brasil) — Ligeira descrição da Colônia Dona Francisca e Joinville — apud "Die Gartenlaube", de Leipzig (Al) nº 40 de 1906, páginas 840/843.

2 — DIE ERSTEN JAHRE ALS KOLONIST. DIE LEITER ZUM GLÜCK — (Os primeiros anos como colono. A escada para a sorte) História da Floresta. Impressora Paranaense, Max Schrappe. Curitiba, 1927. O livro é datado de São Bento do Sul (SC), 1927. São contos e informações, anteriormente publicados pelo autor em jornais e almanaques e enfeixados em volumes.

3 — DIE CHRONIK VON SÃO BENTO — (A Crônica de São Bento) 250 páginas. Em português e alemão. História da fundação e desenvolvimento da Colônia de S. Bento.

4 — HANSEL GLÜCKPILZ — (João, o menino de sorte) — (Abenteuer und Erlebnisse eines Jungen Brasilianers) — Ilustrações de D. Macedo, Curitiba e Hans Nöbauer, Rio de Janeiro, 1ª edição. Ed. de Max Schrappe (Impressora Paranaense, Curitiba) 1926. 255 pags.

ANÔNIMOS 1 — ALLGEMEINE HISTORIE DER REISEN ZU WASSER UND LAND — (Histórico Geral das viagens por água e por terra) — Oder Sammlung aller Reisebeschreibungen, welcher bis heute in verschiedenen Sprachen von allen Voelkern herausgegeben worden, und einen Vollstaendigem Begriff von der neueren Erdbeschreibung und Geschichte machen; Worin der wirkliche Zustand aller Nationen vorges-

stellt, und das merkwuerdigste, nuetzlichste und wahrhaftigste in Europa, Asen, Afrika und Amerika, etc.. Durch eine Gesellschaft gelehrter Maenner im englisch zusammen getragen und aus dem selben und dem franzoesischen ins deutsch uebersetzten. Em vários volumes. O XVI traz informações das costas catarinenses (A M).

2 — DIE OESTERREICHISCHE SIEDLUNG DREI-ZEHN LINDEN IN BRASILIEN — (A colonização austríaca, de “Treze Tílias” no Brasil) — 3ª edição. Verlag des Catholischen Pressevereins, Luiz Ad. S. A.

3 — DER ERZÄHLER — (O Narrador) — Pequeno Jornal que apareceu em 1º de janeiro de 1886, com suplemento semanal do jornal “Blumenauer Zeitung”. Formato 17 x 26,5 cm. Era um suplemento literário de apenas 4 páginas. Não teve longa duração. Existem alguns números encadernados juntamente com a coleção do “Blumenauer Zeitung” de 1886.

4 — Jahresbericht 1932/33 DES SCHULVERBANDES UND LEHRERVEREINES VON SANTA CATARINA — (Relatório anual de 1932/33 das Sociedades escolares e de professores de Santa Catarina) — Tipografia Eduardo Schwartz, Joinville, 52 páginas. Informações sobre a atividade das escolas alemãs principalmente no Vale do Itajaí e Blumenau, nos anos do relatório.

5 — BLUMENAUER VOLKSKALENDER — (Calendário Popular Blumenauense). Iniciou sua publicação em 1933 e terminou em 1938. Apareceram, portanto, cinco edições. Na capa, de Paulo Ramos, aparece o monumento aos emigrantes, variando apenas, de cores, de ano para ano. O número de páginas varia entre 230 e 260, com muitas ilustrações, artigos de interesse geral e local. (Na biblioteca existem as edições de 1934, 36 e 37).

6 — DIE HANSEATISCHEN KOLONIEN IM STAATE SANTA CATARINA, BRASILIEN — (A Colonização Hanseática em SC, Brasil). Folheto destinado a orientar os que desejassem emigrar. Publicação da “Hanseatischen Kolonisations Gesellschaft, 1921, Hamburgo, Neu Groningtrasse, 19 e Bremen Bahnhofstrasse, 31. Com ilustrações e dois mapas confeccionados por José Deeke, da Colonia Hammonia e Hansa. 18 páginas.

7 — FESTSCHRIFT ZUM 25 JÄHRIGEN BESTEHEN

DES STADTPLATZES UND DER SCHULE NEUBRESLAU — (Publicação comemorativa ao 25º ano de existência da cidade e da escola de Nova-Breslau) — (hoje Presidente Getúlio). 16 páginas. Colaboração em poesia e prosa, comemorativa do evento, de Victor Schleiff, Heinrich Blaul, Ernst Auringer, com interessantes dados históricos.

8 — FESTSCHRIFT ZUR FEIER DES 25 JÄHRIGEN BESTEHENS DER DEUTSCHEN EVANGELISCHEN KIRCHENGEMEINDE HANSA-HAMMONIA — (Publicação comemorativa do 25º aniversário de fundação da Comunidade Evangélica de Hansa-Hammonia) — 1929 — 12 páginas. Druckerei G. Arthur Koehler, Blumenau, (há um exemplar no Arquivo Histórico).

9 — ALMANACH DE SANTA CATHARINA — (Almanaque de Santa Catarina) para o ano de 1910 — Publicado sob a direção do Dr. J. Thiago da Fonseca — Ano I, 276 páginas de texto, com muitas ilustrações. Da página 121 a 126 traz detalhes noticiosos sobre Blumenau, Itajaí e Brusque, com fotografias destas cidades.

10 — CATHARINENSER HERZ JESU-KALENDER — (Calendário Catarinense Coração de Jesus) — 1931 — Editado pelos padres da Congregação do Coração de Jesus. Redação do "Wegweiser", Brusque SC, 208 páginas, com fatos sobre Blumenau, Brusque e outras cidades do Vale do Itajaí.

11 — LANDWIRTSCHAFTLICHER KALENDER — (Almanaque agrônômico) Für Land und Gartenbesitzer in Brasilien. Herausgegeben von der Tipografia Mercurio - Brusque - SC. Iniciou sua publicação em 1933. Vários formatos e nºs de páginas. O editor proprietário da Tipografia - E. Straetzer.

12 — KALENDER FÜR SÜDAMERIKA — (Almanaque sulamericano) - In Dürer Verlag - Buenos Aires - Ano 1950. 176 páginas. Calendário Argentino em língua alemã. Das páginas 24 a 29 há um artigo sobre a fundação de Blumenau e seu desenvolvimento, resumido do trabalho de Paulo Malta Ferraz, com uma estampa do Dr. Blumenau.

13 — HOCHZEITSZEITUNG — Ainda hoje é comum o costume entre as famílias de origem germânica, a publicação, por ocasião de casamentos dos membros dessas famílias, ou mesmo de bodas de prata e ouro, de jornaizinhos a que se dá o título de "Hochzeitszeitung", ou "Hochzeit-Kladersdatsch".

No arquivo há vários jornais dessa natureza, nos quais se registram os dados da vida dos nubentes, de seus parentes e conhecidos, com anedotas e críticas, muito humor e alegria. São interessantes registros de fatos ligados aos nubentes. (Existem exemplares na pasta V-2).

14 — RECHENSCHAFTSBERICHT — (Relatório de administração) — über die Verwaltung des Munizips Blumenau im Jahre 1915. Tradução em alemão do relatório anterior de Paulo Zimmermann. Tipografia Baumgarten, Blumenau.

15 — BAHNBAU BLUMENAU -HAMMONIA -BEDINGUNGEN UND PREISE FÜR UNTERNEHMER DER MAURERARBEITEN — (Construção da ferrovia Blumenau-Hammonia - Condições e preços para os empreiteiros de alvenaria) Tipografia H. Baumgarten - Blumenau - sem data, 33 páginas.

16 — BAHNBAU BLUMENAU-HAMMONIA-BEDINGUNGSREISE UND PREISE FÜR UNTERNEHMER DER ERDE UND FELSARBEITEN — (Construção da ferrovia Blumenau-Hammonia -- Condições e preços para empresários de terraplenagem). -- Druck des "Urwaldsbote" Blumenau, 1907, 20 páginas.

17 — FESTCHRIFT ZUR I HAUPTVERSAMMLUNG DER LEHRER VEREINIGUNG BLUMENAU — (Relatório comemorativo da 1ª reunião extraordinária da associação de professores) -- de 1º de setembro de 1912. Mitteilungen nº 8 e 9 - 12 páginas. Com ilustrações e dados interessantes sobre as escolas particulares de Blumenau, muito em especial -- da Escola Nova,

18 — PLAUDEREIEN EINES ALTEN BLUMENAUER KOLONISTEN — (Palestra de um velho colono de Blumenau) -- Artigo de autor ignorado, publicado em "Der Volks-Bote", 1903, 65 páginas. Interessantes informes sobre a vida de Blumenau e dos 1ºs anos da Colonia. Também está reproduzido na obra de José Deeke "Das Munizip Blumenau".

19 — DEUTSCHER FÜHRER DURCH BRASILIEN — (Guia alemão através do Brasil) -- Druck und Verlag Deutsche Rio Zeitung, Rio de Janeiro, 2ª edição, 370 páginas, com muitos mapas e várias ilustrações. Informes e fotos sobre Blumenau. Há um exemplar na Biblioteca, incompleto.

20 — LIEDERBUCH ZUM GEBRAUCH IN DEUTSCHBRASILIANISCHEN VOLKSSCHULEN — (Livro de canções

utilizadas nas escolas primárias teuto-brasileiras) -- Herausgegeben vom Deutschen Schulverein für SC. Preis 600 réis. Verlag von G. Arthur Koehler, Blumənu, SC, Süd Brasilien - 1908, 62 páginas.

21 — VOLK UND HEIMAT — (Povo e Pátria) -- Kalender für die Deutschen in Brasilien -- Herausgeber Verlag "Deutscher Morgen" S. P.. Iniciou sua publicação em 1935. Em várias edições existem artigos sobre Blumenau e o Vale do Itajaí. No nº 1936 "Die Schuetzengesellschaft Blumenau feiert ihr 25 Jähriges Bestehen", de Victor Schleiff e outros.

22 — KALENDER FÜR SÜDAMERIKA — (Almanaque sulamericano) -- Im Dürer Verlag. Buenos Aires, nº de pgs. variado. No nº relativo ao ano de 1949, página 77 foi transcrito o conhecido artigo de Cristina Blumenau, a respeito de seu pai, o Dr. Hermann Blumenau. Na edição de 1950 página 24, artigo relativo ao Centenário de Blumenau.

23 — DEUTSCH BRASILIANISCHER VOLKSKALENDER — (Almanaque popular teuto-brasileiro - 1963 - Editor - Augusto Hoffmann - Florianópolis, Livraria Catarinense. 228 páginas, com muitas ilustrações. À página 117 há um conto da blumenauense Gertrudes Gross Hering "Die beiden Brüder", com paisagem de Blumenau.

24 — KURZGEFASSTER FÜHRER DURCH DIE STADT BLUMENAU, STAAT SC — (Pequeno guia, destinado aos participantes do Dia da Escola Teuto-Brasileira (de 27 de setembro a 1º de outubro 1933), oferecido pela redação do "Der Urwaldsbote" - 16 páginas com mapa da cidade.

25 — DOKTOR BLUMENAU — (Dr. Blumenau) -- Zur Hundertsten Wiederkehr des Gruendungstages seiner Kolonie am 2. September 1950 -- Centro de Impressos São Leopoldo -- Rotermund & Cia., 7 páginas. Ligeira biografia do fundador de Blumenau.

26 — DIE DEUTSCHEN IN BRASILIEN — (Os alemães no Brasil) -- Nº 99 da "Sammlung Gemeinnütziger Vortraege" herausgegeben von Deutschen Vereine zur Verbreitung gemeinnütziger Kenntnisse "em Praga", 24 páginas. Tipografia das mesmas sociedades. Informações de caráter geral sobre as colonias alemãs no Brasil, inclusive Blumenau e outras em Santa Catarina.

27 — LUTHERISCHE KIRCHE IN BRASILIEN — (Igreja Luterana no Brasil) - 1898-1905-1955. 270 páginas. Editado por Rotermund & Cia. - São Leopoldo - RGS. Dados sobre as igrejas luteranas, inclusive de várias do Vale do Itajaí, como Indaial, etc.

28 — DIE VOLKSZEITUNG — Jornal bi-semanal que se publicou em Blumenau durante pouco mais de um ano. Era propriedade de Emílio Jacobs e redatoriado por Max Mayer e posteriormente por Carlos Techentin.

29 — MITTEILUNGEN DES DEUTSCHEN SCHULVEREINS FÜR SC — (Comunicações da associação escolar de SC. Folha mensal editada pela Sociedade Escolar Alemã para SC, com sede em Blumenau — Tipografia “Urwaldsbote”. Seu primeiro nº apareceu em janeiro de 1906. A Biblioteca possui exemplares até o nº 5 de outubro de 1917.

30 — LIEDERBUCH — (Livro de Canções) — Zum Gebrauch in deutsch brasilianischen Volksschulen Herausgegeben vom Deutschen Schulverein für SC. 62 páginas. Ed. de G. Arthur Koehler, Blumenau, 1908,

31 — KALENDER FÜR SÜDAMERIKA — (Almanaque Sulamericano) - 1949 -- Im Dürer Verlag. Buenos Aires. 178 páginas. Da pág. 77 a 81 estende-se o trabalho de Cristina Blumenau “Dr. Blumenau — Ein Deutscher Kolonisator in Brasilien”.

32 — SANTA CATARINA VOLKSKALENDER — (Calendário Popular de Santa Catarina), 1864.

ANUÁRIOS 1 — VOLK UND HEIMAT — (Povo e Pátria) -- Vários anos a partir de 1935 até 1938. Ed. “Deutscher Morgen” - SP.

2 — DAS JAHR — (O Ano) -- dois números: 1949 e 1950. Diretor W. Henrique Brandenburger. Livraria Internacional “A Ponte” - Florianópolis.

3 — KALENDER FÜR DEUTSCHE IN BRASILIEN — (Calendário para os alemães no Brasil) -- de 1915 a 1940. Ed. Rotermund & Cia. - São Leopoldo.

4 — HERZ - JESU KALENDER - 1931-32 — (Almanaque Coração de Jesus) — Administração “Der Wegweiser” — Brusque.

5 — BLUMENAUER VOLKSKALENDER — (Almanaque

Popular Blumenauense) -- de 1933 até 35. Ed. Nietsche e Hoemke -- Empresa Gráfica Blumenau.

6 -- DER URWALDSBOTE KALENDER FÜR DIE DEUTSCHEN IN SÜDBRASIL IEN HERAUSGEGEBEN ZUM 50 JÄHRIGEN BESTEHEN DER KOLONIE BLUMENAU 1900 -- (O "Urwaldsbote", almanaque para os alemães no sul do Brasil -- editado por ocasião do cinquentenário da colonia Blumenau) -- Tipografia do "Der Urwaldsbote", Blumenau.

ARAGÃO, Egas Muniz Barreto de 1 -- BRIEF AUS BAHIA -- (Carta da Bahia) -- Gerichtet an den "Urwaldsbote" in Blumenau von Dr. Egas, September, 1913, 6 páginas. Tipografia de G. A. Koehler, Blumenau. Trata-se de uma carta do Dr. Aragão dirigida ao citado jornal e reproduzida em folheto. (Há exemplar em mãos do Sr. Arthur Fouquet, da Fábrica Cremer).

BLEYR, Jorge A. C. 1 -- ÜBER DIE ANTHROPOLOGIE PROHISTORISCHER UREINWOHNER DES HOCHPLATEAU'S VON SANTA CATARINA IN BRASILIEN -- (Sobre a antropologia pré-histórica dos autóctones de SC no Brasil) - Separata do XVIII Congresso Internacional de Americanistas, páginas 50/53, Londres 1912.

BLUMENAU, Cristina DAS HEIM IN BLUMENAU -- (O Lar em Blumenau) -- Artigo datilografado existente no arquivo Histórico de Blumenau. Descreve a casa do Dr. Blumenau e sua família, na sede da colonia por ele fundada.

BLUMENAU, Hermann 1 -- JAHRESBERICHT ÜBER DIE EREIGNISSE UND FORTSCHRITTE DER DEUTSCHEN KOLONIE BLUMENAU IM JAHRE 1856 -- (Anuário sobre os acontecimentos e o progresso da colonia Blumenau, no ano de 1856). -- Robert Kittler - Hamburgo, 1857. 16 páginas. Traz interessantes subsídios para a história de Blumenau e dos primeiros moradores alemães no Vale do Itajaí.

2 -- LEITONDE ANWEISUNGEN FÜR AUSWANDERER NACH DER PROVINZ SANTA CATARINA IN SÜDBRASIL IEN -- (Diretrizes e instruções para emigrantes para a Província de S. Catarina no Sul do Brasil. -- Rudolfstadt-Druck und Verlag von G. Froebel - 1851, 59 páginas.

3 -- DEUTSCHE KOLONIE BLUMENAU IN DER PROVINZ SANTA CATHARINA IN SÜDBRASIEN -- (Blumenau, a colonia alemã na Província de S. Catarina no sul do

Brasil) -- Bericht bis Juni 1855 und Aufforderung zum Anschluss. Nebst Bemerkungen über Deutsch-brasilianische Colonisation in Allgemeinen, Beschreibung des Itajahy -- Gebietes und einer Karte -- Rudolstadt, 1856. Druck und Verlag G. Froebel.

BOFF, Leonardo DIE KIRCHE ALS SAKRAMENT IM HORIZONT DER WELTERFAHRUNG -- A Igreja como sacramento no horizonte das experiências mundiais) -- Tese de doutoramento em teologia -- 552 páginas -- Verlag Bonifacius -- Druckerei Paderborn (Al), 1972.

AUSGABE, Erete EVANGELISCHES JAHRBUCH VON BRASILIEN -- (Anuário evangélico do Brasil). - 1935/36 - Herausgeber: Curt Grothe. Eigener Druck und Verlag -- In-dial - 160 páginas.

AVÉ-LALLEMANT, Roberto REISE DURCH SÜD-BRASILIEN IM JAHRE 1858 -- (Viagem através do sul do Brasil no ano de 1858) -- Leipzig, F. A. Brockhaus, 1859 -- Interessantes informações sobre Santa Catarina e o Vale do Itajaí em 1858. O segundo volume narra a visita feita à Blumenau.

AX, Albert DIE ENTWICKLUNG DER KOLONIE DONA EMA IN 12 JAHREN -- (O desenvolvimento da Colonia Dona Ema em 12 anos) -- Apud Blumenauer Volkskalender, 1933, páginas 76 a 78.

AXTELM, FEDOR "UHLANDS" BALLADE" SCHWÄ-BISCHE KUNDE -- ("Balada de Uhlands". Notícias da Suábia) -- Poesias relacionadas com pessoas e acontecimentos de Blumenau, por um leipzigense, no Brasil. Tipografia de G. A. Koehler.

(Continua no próximo número)

## **BLUMENAU EM CADERNOS**

Fundação de J. Ferreira da Silva

*Órgão destinado ao Estudo e Divulgação da História de Santa Catarina*

Propriedade da FUNDAÇÃO CASA DR. BLUMENAU

IMPRESSO EM OFICINAS PRÓPRIAS

Direção: F. C. Allende

Assinatura por Tomo (12 números) Cr\$ 20,00

Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425  
89.100 BLUMENAU — Santa Catarina — BRASIL

# FUNDAÇÃO "CASA DR. BLUMENAU"

Instituída pela Lei Municipal Nº. 1835, de 7 de abril de 1972  
Declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº. 2028 de 4/9/74  
Alameda Duque de Caxias, 64 — Caixa Postal, 425  
89100 B L U M E N A U Santa Catarina  
Instituição de fins exclusivamente culturais

---

## São objetivos da Fundação:

Zelar pela conservação do patrimônio histórico e cultural do município;

Organizar e manter o Arquivo Histórico do Município;  
Promover a conservação e a divulgação das tradições culturais e do folclore regional;

Promover a edição de livros e outras publicações que estudem e divulguem as tradições histórico-culturais do Município;

Criar e manter museus, bibliotecas, pinacotecas, discotecas e outras atividades, permanentes ou não, que sirvam de instrumento de divulgação cultural;

Promover estudos e pesquisas sobre a história, as tradições, o folclore, a genealogia e outros aspectos de interesse cultural do Município;

A Fundação realizará os seus objetivos através da manutenção das bibliotecas e museus, de instalação e manutenção de novas unidades culturais de todos os tipos ligados a esses objetivos, bem como através da realização de cursos, palestras, exposições, estudos, pesquisas e publicações

## A Fundação "Casa Dr. Blumenau", mantém:

Biblioteca Municipal "Dr. Fritz Müller"  
Arquivo Histórico  
Museu da Família Colonial  
Horto Florestal "Edite Gaertner"  
Edita a revista "BLUMENAU EM CADERNOS"  
O Mensário "O LEITOR"  
Tipografia e Encadernação  
(exclusivamente para serviços internos)

Diretor Executivo: *Federico Carlos Allende*

Conselho Curador: *Hercílio Deeke* - presidente  
*Edison Müller* - vice-presidente

Membros: *Elimar Baumgarten* — *Christiana Deeke Barreto* —  
*Isolde Hering d'Amaral* — *Rolf Ehlke* — *Nelo Osti*

# Um conjunto de vida, cores e muita alegria



 malhas  
**Hering**

Digitalizado pelo Arquivo Histórico José Ferreira da Silva - Blumenau - SC